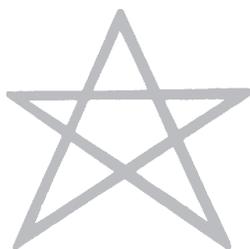


INTRODUÇÃO

É UM FATO SURPREENDENTE E INEGÁVEL: SURTIU IMPETUOSO, PARA A IGREJA E PARA O MUNDO, UM SOPRO DE RENOVAÇÃO, COM O MOVIMENTO DOS CARISMÁTICOS. O QUE PENSAR DESSE FATO? QUE RELAÇÃO TEM ELE COM A IGREJA CATÓLICA? SERÁ ELE UM MOVIMENTO LEGITIMAMENTE CATÓLICO? CORRE-SE ALGUM PERIGO AO SE ENTRAR EM SUAS HOSTES? QUE BENEFÍCIOS A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA TEM TRAZIDO PARA A IGREJA E PARA A HUMANIDADE? SÃO ALGUMAS DAS PERGUNTAS A QUE NOS PROPOMOS



FREI LUIS MARIA A. SARTÓRI

CARISMÁTICOS E A IGREJA CATÓLICA



*Detalhe de "Os
Quatro Elementos",
gravura de William
Blake (1794)*

**FREI LUIS MARIA A.
SARTÓRI** pertence à
Ordem Franciscana.

responder neste ensaio de esclarecimento doutrinário e apostólico.

Abordaremos os aspectos teológicos, radicais, que são fundamentação para a existência e vivência dos carismas, bem como aspectos da prática concreta.

Etimologicamente, *carisma* tem sua origem no grego *karis*, que pode ser traduzido ao pé da letra por *graça*, ou seja, *dom* gratuito. Tal termo é raiz também da palavra “caridade”. O que nos enseja a compreender que a verdadeira caridade não é fabricação humana, mas é um *dom* de Deus. Somente ama a Deus, como Deus se ama e como Ele quer ser amado, quem recebe de Deus o *dom* da caridade. É Deus quem nos faz amá-lo como Ele quer ser amado.

Carisma, pois, é uma infusão do divino no humano.

CARISMAS NATURAIS E SOBRENATURAIS

Os dons podem ocupar dois níveis diferentes:

a) Há aqueles que são de ordem ou nível *natural*, ou seja, aqueles que recebemos com nosso nascimento de nossa mãe e que preencham as necessidades a serem satisfeitas para cada pessoa. Tais dons são nossa inteligência, nossa vontade com sua liberdade, as habilidades pessoais de arte, de profissão, de ciência, de tendências, um com a voz de cantor lírico, outro com o dom de compositor de música, outro como pintor, um como construtor, outro como escritor, todos eles dotados de dons naturais que, se possuem medidas que dão plenitude pessoal aos seus possuidores, são, no entanto, limitados pela sua condição de criaturas. Todos esses dons estão enquadrados dentro dos limites finitos da natureza humana criada. São divididos em sua origem porque Deus nos deu ao nascermos, mas são humanos e finitos em seu âmbito, em sua capacidade e suas possibilidades; são dons que nos obrigam a um cultivo criterioso e cuidadoso a fim de atingirem o objetivo da realização pessoal e do serviço ao próximo e a Deus.

b) Outros são os carismas ou os dons *sobrenaturais*. Pertencem a um nível que transcende

a natureza humana. Por isso são *totalmente* gratuitos. Não podem ser exigidos pela natureza humana. Embora necessários para atingirmos nossa finalidade sobrenatural, que é a vida eterna e divina, são dons de absoluta gratuidade por parte de Deus. Deus os dá a todos os que deles se sentirem necessitados e a Ele solicitarem com fé e humildade. Tais dons superam nosso “subjetivo”. Não são *imanes* no sentido de que não nascem conosco, não têm sua raiz em nossa natureza. São *transcendentes*. Devem estar *dentro* de nós mas são de natureza *acima* de nós. Transcendem nossos limites e exigências. Serão *nosso*s se os recebermos e cultivarmos. Mas são de origem divina em sua doação e em sua natureza.

Para bem compreendermos, temos que nos reportar à essência mesma do Cristianismo, ou seja, a Encarnação do Verbo Divino em Jesus Cristo.

Jesus Cristo, Homem-Deus, tem em si duas naturezas em uma só Pessoa. Natureza Humana e Natureza Divina, unidas hipostaticamente pela segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o Filho ou o Verbo. Poderíamos ainda, teologicamente, usar um termo que exprime esta união das duas naturezas de Cristo, dizendo que Ele tem uma natureza *teândrica*, termo composto de *Theós* (Deus) e *Andrós* (homem).

Isto que Jesus Cristo era, e é, por natureza, nós cristãos somos por graça, por concessão divina decorrente ou do batismo ou de uma livre doação divina. É esta natureza divina – natural ao Cristo em conjunto com sua natureza humana – que é o *algo mais* comunicado ao cristão como o maior *dom* ou o grande *carisma* próprio do Cristianismo. Dele decorrem todos os outros graus e as outras espécies de carismas.

Com isso se percebe a *sobrenaturalidade* dos verdadeiros carismas cristãos – sobrenaturalidade que, apesar de transcendente, só se realiza quando se encarna no mais concreto ser humano, elevando todas as ações humanas a uma Nova Ordem de valores.

Falamos de “elevar”... Sim, a graça, ou o carisma cristão ao se encarnar, dá, a todo o humano do homem, um novo critério, um novo referencial, uma nova fonte de energia, de inspiração, de força, que supera as forças humanas e transforma a fragilidade humana em energia.

Por isso, dizia São Paulo: “Quando eu sou fraco, então é que eu sou forte”. Ou: “Livresmente gloriar-me-ei das minhas fraquezas para que habite em mim a virtude divina”. Ou ainda: “A virtude divina se aperfeiçoa na fragilidade humana”.

Tais atitudes demonstram ao mesmo tempo a transcendência do *dom* de Deus e sua encarnação na realidade humana, apesar da fragilidade dela.

Os *dons* dos *carismas* são sobrenaturais, são *objetivos*, são uma realidade divina, mas têm sua direção, sua intencionalidade, sua finalidade de atingir o *subjetivo* de cada pessoa agraciada.

E o que é este *subjetivo* humano atingido e elevado pelo *dom* ou o *carisma objetivo*?

O *carisma* radical, essencial, básico, de cristão – a Graça Santificante – quer elevar o homem todo. Mas nesta elevação do homem, a Graça quer atingir – e isto é lógico – aquilo que dá essencialidade humana ao ser humano e que o distingue das outras criaturas, a saber, a inteligência e a vontade. A inteligência se dirige pela “luz”, ou seja, pela verdade, pelo conhecimento das últimas causas das coisas (e isso é filosofia!) e a vontade quer colocar a sua liberdade em seu ponto máximo que é o compromisso do amor.

Como age, então, o *carisma* na elevação de nossa vontade e de nossa inteligência? O que de novo, de “algo mais”, de gratuito, a comunicação da *graça*, do *carisma* traz para a inteligência à procura da verdade?

Traz uma nova luz. A *luz da fé* que é a comunicação da inteligência divina à inteligência humana. E qual é o conteúdo comunicado a nós pelo *carisma* da inteligência divina a nós trazido pela fé? É a comunicação do Mistério Divino! Mas como é que um mistério incompreensível pela razão pode ser “assimilado” pelo homem? Pelo *dom* da fé! Deus que comunica o Peso do Mistério comunica também a Força para suportarmos o Mistério Divino. Só quem vive do Mistério é que não tem mais mistério na vida. E a vida do Mistério é a vida da fé na Palavra do Cristo.

E por que a Palavra Dele merece tamanha fé? Porque Jesus foi e será o único homem que voltou da morte por sua própria força, que ressuscitou após três dias de enterrado.

Diz São Paulo que nós seríamos os mais infelizes e idiotas dos homens se Cristo, depois de ter prometido este “absurdo” de ressuscitar após sua morte, de fato não tivesse ressuscitado; “vã seria a nossa fé”...

Os mistérios divinos a nós comunicados são objetivos e elevam o nosso “subjetivo” a uma vida de luz e de força divinas.

Uma comparação talvez ajude a compreender essa elevação: um papagaio que aprende a decorar que “dois mais dois são quatro”, apesar de não entender o que fala, porque não tem poder de raciocínio, não diminui em nada a veracidade da soma das parcelas. E mais, o fato de ele não perceber a verdade da soma de dois mais dois ser quatro não o diminui nem prejudica, mas, ao contrário, torna-o “papagaio ilustrado”, elevado, portanto, acima de outros papagaios que também não conhecem a tabuada.

Assim acontece conosco: repetimos as verdades divinas, mistérios divinos, sem compreendê-los, e com isso tais verdades não deixam de ser verdades. E mais: ao aceitarmos pela Fé – e aqui a diferença do caso do papagaio – as verdades divinas dos mistérios, elas iluminam nossa inteligência, oferecem à nossa vontade novos e infinitos horizontes para a conquista de uma plenitude de sua sede de amor.

Fé é uma virtude divina infusa em nossa alma pela qual nós penetramos, aceitamos e vivemos a vida divina dos mistérios da Trindade.

Esperança é uma virtude divina infusa em nossa vida pela qual podemos “tornar possível o que é impossível”, dando-nos uma força superior à nossa fraqueza.

Caridade é uma virtude divina infusa em nós cristãos pela qual amamos a Deus e ao próximo assim como Deus se ama e ama as suas criaturas humanas, a saber, com o próprio amor infinito de Deus.

Com tais descrições, cremos ter explicado o que vem a ser o *carisma essencial*, radical do Cristianismo.

CARISMAS ESPECIAIS

Ao lado deste *carisma essencial* do Cristianismo, existem muitos outros *carismas especiais*. Todos eles são dados por Deus para

uma finalidade de glória a Deus e de apostolado de salvação dos homens ou a realização do Reino de Deus neste mundo. São Paulo nos fala de muitos e diversos carismas.

É bom que leiamos alguns textos bíblicos para ver, em seus termos originais, o pensamento da Igreja e de Cristo.

Em sua “Epístola aos Efésios” (4, 11 e 12), São Paulo escreve:

“A uns ele constituiu apóstolos; a outros, profetas; a outros, evangelistas, pastores, doutores, para o aperfeiçoamento dos cristãos, para o desempenho da tarefa que visa a construção do corpo de Cristo”.

Na “1ª Epístola aos Coríntios” (12, 4-10):

“Há diversidade de dons, mas um só Espírito. Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor. Há também diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum. A um é dada pelo Espírito uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de ciência, por esse mesmo Espírito; a outro, a fé, pelo mesmo Espírito; a outro, a graça de curar as doenças, no mesmo Espírito; a outro, o dom de milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, a variedade de línguas; a outro, por fim, a interpretação das línguas”.

Ainda São Paulo, em “Epístola aos Romanos” (12, 6-8):

“Temos dons diferentes, conforme a graça que nos foi conferida. Aquele que tem o dom da profecia, exerça-o conforme a fé. Aquele que é chamado ao ministério, dedique-se ao ministério. Se tem o dom de ensinar, que ensine; o dom de exortar, que exorte; aquele que distribui as esmolas, faça-o com simplicidade; aquele que preside, presida com zelo; aquele que exerce a misericórdia, que o faça com afabilidade”.

Apóstolos com sua missão específica de levar a mensagem salvadora do Cristo, como Caminho, Verdade e Vida, propondo uma resposta para os problemas humanos, a força

da oração e dos sacramentos, um caminho de esperança inspirado pelo Espírito Santo.

Profetas com a missão específica de falar em nome de Deus, apontando rumos que levem a humanidade para fins certos.

Doutores que recebem de Deus o dom de precisar os contornos teológicos das verdades de fé, já definidas como dogmas, ou de uma moral nascida do Evangelho.

A “graça de curar as doenças”, com o intento de minorar os sofrimentos das pessoas necessitadas, de melhorar a sua saúde, a fim de cumprirmos os seus deveres de trabalhar e de sustentar sua família.

O “dom de milagres” que atestam a intervenção divina dentro das leis humanas, que demonstram a divindade do Cristo e de sua Igreja.

O “dom de assistir”, ou seja, o dom de ajudar as pessoas, com responsabilidades muito pesadas e difíceis, necessitadas de um apoio para as suas decisões.

A “variedade de línguas”, a saber, a facilidade de aprender várias línguas, quando elas são indispensáveis para o exercício do apostolado em prol do Reino de Deus.

Além desses, lembrados por São Paulo, muitos outros carismas são concedidos por Deus, mediante o Cristo, para os vários fins de construção do Reino.

Hoje, na Igreja, vêem-se famílias religiosas com carismas totalmente próprios. Camilianos que se dedicam aos doentes; vicentinas que se dedicam aos velhos e aos pobres; congregações destinadas às crianças, aos negros, aos operários, aos judeus, às missões, à contemplação, à imprensa. Uns que são chamados à imitação de Cristo no meio popular, etc.

E quantos movimentos de leigos católicos que hoje se especializam em seu apostolado com carismas totalmente próprios: movimentos de famílias, de doutrina social católica, de juventude, de arte, de liturgia, de canto eclesástico e sacro, de música, de operários, de patrões e empresários cristãos.

Todas essas congregações, todos esses movimentos especializados possuem carismas dados por Deus para atingirem as suas finalidades específicas. Tanto o *carisma essencial* da Graça Santificante quanto estes

carismas especiais, em sua atuação sobre e dentro dos cristãos, observam as etapas ou os degraus de uma evolução.

DEGRAUS DE EVOLUÇÃO DOS CARISMAS

É necessário conhecer bem tais etapas a fim de não se cometer injustiça, ao julgar pessoas que estejam em degraus diferentes daqueles em que estamos. Nessa evolução, acontecem mudanças de critério, de julgamento, de atitudes subjetivas em relação ao *objetivo*, próprio dos carismas. A influência do carisma sobre as pessoas vai modificando e aperfeiçoando a maneira subjetiva das pessoas.

Vejamos, portanto, as diferentes vias desta evolução para, depois, podermos com justiça, avaliar as atitudes dos cristãos agraciados com vários carismas.

A teologia mística tem fundamento tão estável e sólido quanto a teologia dogmática; São Boaventura, São João da Cruz, São Bernardo, Santo Inácio de Loyola, Santo Antônio de Pádua e muitos outros são unânimes em afirmar uma evolução da influência do carisma de Deus na vida subjetiva dos cristãos.

São Boaventura, denominado “Doutor Seráfico”, condensa essa evolução em seu livro com o título de *De Triplice Via* (*A Tríplice Via*), livrinho preciosíssimo que, feito em rimas e dividido sempre em estrofes de três, quatro e sete versos, foi elogiado pelo Papa Leão XIII que dele disse: “Só por este livrinho se poderia declarar São Boaventura o ‘Príncipe dos Místicos’”. Nesta obra, São Boaventura nos fala das três vias, a saber: a Via Purgativa, a Via Iluminativa e a Via Unitiva.

A Via Purgativa se caracteriza, como diz o nome, em purgar ou purificar o homem daquilo que constitui o pior obstáculo para a santificação pela Graça, ou seja, o orgulho. Esse orgulho se manifesta pela pretensão do homem de chegar até Deus por si próprio. A Graça, em sua função purificadora, vai colocar o cristão na “noite dos sentidos” que arranca aos poucos, e com muita dor, o sentimentalismo em que nos apoiamos como pretensa escada para a ascensão até Deus. É,



Deus como arquiteto do Universo – gravura que ilustra uma Bíblia medieval

então, que a alma do cristão tem que se convencer que não é *por si* que chegará a Deus mas *por Cristo*.

E o meio apresentado por Deus para fazer esta substituição de fundamentos é a *meditação* sobre os mistérios da fé. Isso para que a inteligência vá substituindo os gostos, os sentimentos, os emocionalismos... O desapego a tudo que alimenta os sentidos é chamado de “noite dos sentidos” porque essa “noite” seca tudo que é sentimental, egoísta e pretensioso na ascensão para Deus. Com muita graça, Santa Tereza de Jesus nos diz que, nessa etapa da Via Purgativa, parece que a pessoa está remando *sozinha em um mar de lama*. E ainda com a sua fineza de escritora, sobre as Moradas de Deus, Santa Tereza fala que a *oração meditada* dessa primeira via parece com alguém que rega os canteiros de sua horta com um regador que carrega pouca água e que dá muito trabalho para colhê-la.

A segunda via, a Via Iluminativa, se caracteriza exatamente pela nova Luz que surge pela Graça de Deus. Com a inteligência já libertada da nebulosa dos sentidos, sentimentalismos e emocionalismos, ela pode receber, no silêncio do coração, a visita de Deus, com

sua luz da fé, muito mais profunda e pura. O contato com Deus já não é feito por muita meditação discursiva sobre os mistérios revelados mas, após tanto tempo de meditação, Deus mesmo vai “seduzindo” a alma com os atrativos de algum dos mistérios, fazendo com que a alma se embeveça, boquiaberta diante do amor divino, encarnado ora no Menino Jesus da Gruta de Belém, ora no Deus crucificado, ora no Cristo amigo e alimento na Eucaristia, ora na Palavra escrita da Bíblia, ora na Palavra viva do “doce Cristo da terra”, como chamava Santa Catarina ao Papa. É, então, como dizia São Francisco de Sales, que Deus atinge “a fina ponta da alma”. Quando o homem se cala e Deus fala, porque o homem deve mesmo se calar para escutar a Voz do Mistério divino que só entra em nós pela fé. E é essa nova luz que vai iluminar os cristãos e os caminhos da alma. Lembremos então o que diz o Doutor da Mística, São João da Cruz: “O homem chega ao máximo de compreensão de Deus quando compreende que não compreende nada de Deus”. Ou ainda: “Deus está escondido em um lugar escondido”. Tudo isso mostra a transcendência de Deus. Por isso, Santa Tereza nos diz que a oração de simplicidade, sem palavras, sem muita reflexão, se parece com alguém que quer regar a sua horta, não mais com regador, mas com uma mangueira, e que agora a alma está a remar não mais sozinha, mas *com Cristo*, e o mar já não é um mar de lama, mas de água. Surge, então, na ascensão da alma a Deus, o que chamamos de “regime das virtudes”, com aquelas duas virtudes básicas recomendadas por Jesus quando disse: “Aprende de mim que sou Manso e Humilde de Coração”. *Mansidão* que é energia controlada e *humildade de coração* de quem aceita gostosamente suas próprias limitações de criatura.

Esta via ou etapa é o momento histórico da ascensão em que o cristão realiza, com liberdade de espírito, várias obras apostólicas em prol do Reino de Deus: pregações, missões, construções, obras de caridade e, quem sabe, até mesmo portentos ou milagres, que são concedidos por Deus a algumas destas pessoas.

A partir dela amadurece a entrada na terceira via, a Via Unitiva. Bem na entrada desta

via, ao sair da Via Iluminativa – ou dela “ser saída” pela ação do carisma da Graça –, acontece o que os santos doutores da mística chamam de “noite do espírito”.

Por que este procedimento de Deus? A fim de libertar a inteligência do pior defeito que impede a ascensão final para Deus, o orgulho intelectual. Deus submete o cristão a uma provação humanamente “horrorosa”. Deus quer libertar, agora, a vontade humana de todo apego espiritual para que ela viva somente motivada pelo amor, pela caridade.

Para isso, Deus permite tentações, provações, solidão, incompreensões, doenças, fracassos, e até quedas, para que a humildade de espírito da Via Iluminativa se transforme em humildade de coração. Acontece também que a coluna de nuvem – símbolo da fé – que conduzia o povo judeu durante o dia seja substituída pela coluna de fogo que o conduzia durante a noite. Símbolos expressivos de como Deus dirige, ora pela luz escura da fé, ora pelo fogo ardente da caridade. Para tirar o apego dos sentidos e sentimentalismos, Deus manda a nuvem, símbolo da fé escura que nos conduz durante o dia claro em que a nossa inteligência ainda enxerga a luz no fundo do túnel. Quando, porém, até essa luz se apaga, na dita “noite do espírito”, Deus envia a coluna de fogo, símbolo da caridade ou do amor, que caminha correndo o risco de pular no escuro do mistério, agora então dirigido pelo regime dos dons do Espírito Santo. Então, o cristão que já caminhou *com Cristo* vai iniciar a sua entrada *em Cristo*. Agora, ele não rema nem sozinho, nem a dois, porque o barco de sua vida é levado pelo vento que bate nas velas enfunadas, enquanto ele e Cristo podem descansar no fundo do barco. A oração agora é a *contemplação*, que pode ser ativa, fruto de uma grande virtude do cristão, ou passiva, quando a invasão de Deus na alma se faz sem previsão humana e sem controle da parte da criatura.

Os sete dons do Espírito Santo que iniciam este novo regime devem despertar no seu portador as virtudes da *docilidade* e da *simplicidade*. Tais virtudes são o constitutivo do que chamamos de “infância espiritual”. É a “criança do Evangelho” a quem o Reino dos Céus foi prometido por Jesus.

Docilidade – do latim *ducere*, conduzir ou ser conduzido –, que faz com que o cristão se entregue nas mãos da Providência Divina, “assim como uma criança fica no regaço de sua mãe” (Salmo 130).

Esta invasão de Deus com os sete dons do Espírito Santo já não é “um regar as plantas com regador”, nem “com mangueira”, mas é molhar o canteiro com a água da “chuva que cai do céu”.

CARISMÁTICOS CATÓLICOS

Por que fizemos tal explanação sobre as vias da santificação, quando nosso propósito é explicar os Carismáticos Católicos?

Porque dentro dessa projeção é que queremos situar este fato que parece novo na Igreja Católica, e que se chama RCC – Renovação Carismática Católica.

Eu disse “parece” novo... e alguém pode implicar com este “parece”, achando que tal fenômeno é totalmente novo.

O que há de novo nele?

Este “novo” se deve a um dos “sinais dos tempos” que o Papa João XXIII e a Teologia Católica definem como “o momento e o local da intervenção divina dentro da imanência humana”. Um dos sinais de nossos tempos é a globalização dos sinais. Em um dos meus livros, intitulado *Igreja Particular e Pastoral Ambiental*, eu assinalei 75 sinais de nossos tempos, todos eles de grande importância social. Muitos deles têm entre si umnexo causal, que cria uma interdependência muito grande: e é isso que chamo de “globalização de sinais dos tempos”.

A esta globalização de sinais dos tempos corresponde uma necessidade de globalização de atitudes religiosas.

Um dos sinais que caracterizam a necessidade religiosa é satisfazer os vários degraus da ascensão a Deus a que acima nos referimos.

É claro que, no progresso das três vias que nos unem ao Cristo, o povo precisa de um apoio sensível, emocional, para caminhar para Deus. O místico, já alçado à Via Unitiva ou Iluminativa, passa pela Via Purgativa e entende que não deve desprezar os caminhos de Deus para cada pessoa. Se uns já estão no estado da fé mais pura, correndo um risco,

acima das “razões razoáveis” e acima dos sentimentos e emoções, outros ainda estão necessitando de um apoio sensível, como degrau para subir.

O perigo – e o mal – é a falta de humildade de uns, que se julgam mais perfeitos com suas exaltações emotivas, com seus cantos e danças, desprezando os que não necessitam de tais apoios, construindo uma “panelinha”, um corporativismo religioso que só olha para dentro, para os seus arraiais, menosprezando os que não participam de “seu time”. Como também os que já passaram por estes estágios, a duras provas, e já estão lutando nas outras vias não podem tachar os “outros” somente com os epítetos de “exaltados”, de “crentes que não deram certo”, etc.

Existem erros dos dois lados, e para esclarecer estes erros temos agora de abordar o relacionamento entre os dons *objetivos* e as reações *subjetivas* ao recebermos tais dons de Deus.

RELAÇÃO DAS PESSOAS COM OS DONS DE DEUS

Quando é verdadeiro, objetivo, e não uma fabricação subjetiva, falsa, máscara externa e formal, o carisma de Deus é que dirige, é ele que possui, é ele que eleva o “subjetivo” da pessoa agraciada.

A atitude, portanto, da pessoa cristã humilde é a de se deixar levar pelos caminhos de Deus, que sempre estarão marcados pelo “sinal do cristão”, o sinal da cruz, da doação, do esquecimento de si, da renúncia, do esvaziamento do próprio eu. Esta *Kênsis*, este esvaziamento do próprio eu, é a base, a condição da verdadeira alegria, do verdadeiro entusiasmo (do grego *En theou* – Deus dentro), da dedicação, do serviço, do apostolado de transformação das estruturas sociais injustas.

Como os caminhos da Graça estão marcados pela continuidade, pela progressividade, o nosso subjetivo, ou a nossa pessoa, quando atingida pelo carisma da Graça Santificante, deve sempre olhar para cima. Não deve parar, contemplando narcisisticamente o degrau já conquistado, pois, como dizem os santos, “parar na vida cristã é regredir”. Daí o perigo de nosso subjetivo estacionar em grau de elevação espi-

ritual, certo de estar no cume da perfeição, e achando-se “mais que os outros”, julgando os outros sem humildade e sem justiça.

Próximo a este perigo está o de “apropriar-se” do dom recebido, achando que esse dom é pura conquista subjetiva e fruto do esforço ou das qualidades pessoais. Chega-se ao extremo de achar que somos infalíveis, a ponto de podermos interpretar a Sagrada Escritura da Bíblia como quisermos – o que deu origem às seitas protestantes as quais, com livre interpretação, dividiram-se tanto. Um dia, ouvi, de líder carismático, a expressão absurda: “Vai chegar um dia em que o Papa terá que aceitar que nós, leigos, somos também infalíveis”. Isso é o começo da invasão subjetiva na vida dos mistérios revelados por Cristo. Isso é receitar um remédio bom (a Palavra de Deus escrita na Bíblia) sem a dosagem correta da interpretação autêntica fundada na infalibilidade da Tradição ou do Magistério da Igreja.

Outro erro em que se pode cair é a alienação, ou seja, ficar só no misticismo e esquecer da encarnação do Evangelho nas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais. Passo significativo no sentido de evitar esse perigo do misticismo foi o fato de uma vez eu ter ido, com mais vinte brasileiros, a Caracas, na Venezuela, onde passamos quinze dias em intensivo curso de Doutrina Social Católica, sendo que, desses vinte, onze eram carismáticos. No momento em que os carismáticos despertarem em massa para a Doutrina Social do Evangelho e sua consequente aplicação no nível social, então o equilíbrio será atingido e a missão deles – desejada por Deus – estará sendo melhor cumprida.

A correção desses erros, ou o meio de evitá-los, é a compreensão prática de que a verdadeira santidade e a oração caminham sempre para um maior e mais profundo silêncio interior, onde a voz de Deus é mais escutada e transformada em caridade e amor. E como todo verdadeiro amor cristão, dom de Deus que nos vem pela caridade, é um amor inteligente, a atitude correta será “usar a cabeça”, mais do que os sentimentos e emoções, para realizar o Reino de Deus, mediante o testemunho corajoso do cristão leigo nos níveis da vida humana que a ele estão reser-

vados. A saber: no nível conjugal, vivendo a sacramentalidade do matrimônio; no nível do trabalho profissional, nas empresas, transformando-as em verdadeiras comunidades nas quais a fraternidade cristã se demonstra e se comprova com a participação de todos na vida interna da empresa, tendo voz, vez, voto na direção, na propriedade e nos lucros; no nível da vida política, participando ativamente de partidos com programas baseados na doutrina social católica, candidatando-se a postos eletivos ou, já eleitos, propondo projetos de lei que defendam realmente o bem comum, prioritariamente em prol dos excluídos; no nível cultural, atuando na literatura, nas artes, na música, no teatro e no cinema, na televisão e no rádio, com livros, peças de teatro, filmes, artigos de jornal, com canais de televisão exibindo programas de divulgação simpática e contestatória, característica do Evangelho; no nível dos esportes, demonstrando sua união e sua fé em Cristo, como os “atletas de Cristo”, ou “os Jograis de Jesus”.

CONCLUSÕES

a) Tiremos uma conclusão fundamental: a maior característica do *carisma cristão* é nossa qualidade de filhos de Deus, participantes da natureza e da vida divina da Trindade Santíssima, mediante a *fé* que nos comunica a inteligência divina e a vida no mistério, a *esperança* que nos comunica a Graça divina e a coragem de correr o risco dos caminhos de Deus, e a *caridade* que nos comunica o amor infinito de Deus e a superação de nosso egoísmo na dedicação ao serviço de nossos irmãos. Tal *carisma radical* nos vem pelos sacramentos – Batismo, Crisma, Eucaristia, Penitência e especificamente Matrimônio, Ordem e Unção dos Enfermos – e o meio de participar da Graça destes sacramentos é a oração.

b) Além deste *carisma fundamental*, existem *carismas especiais* concedidos por Deus para finalidades específicas de apostolado, como serviço aos pobres, aos doentes, aos velhos, às crianças, aos operários, ou atuação nas áreas artísticas, intelectuais, universitárias, dos meios de comunicação, dos negros,

das missões estrangeiras, etc. Todos estes são carismáticos, no sentido estrito da palavra.

c) E, enfim, existem movimentos de leigos também dotados de vários carismas como os acima mencionados. Entre esses, há o chamado RCC (Renovação Carismática Católica) que, abrangendo todos os campos, caracteriza-se por uma submissão específica à inspiração do Espírito Santo. Para esses, a Igreja em sua missão de magistério já emitiu um precioso documento, em que pontos positivos e negativos são sabiamente apontados. Nesse documento, após distinguir os aspectos teológicos positivos dos carismas, a Igreja chama a atenção para os perigos e erros já cometidos pelos carismáticos. Condena o curandeirismo que pode atrair fiéis mais para a cura de doenças do que para Jesus Cristo; condena o uso de um óleo por eles usado quase como um sacramento; não aprova aqueles desmaios por eles chamados de “repouso no Senhor”, o que tem proporcionado a pessoas psicologicamente fracas entrar numa situação psicológica muito precária e perniciosa; não aprova a atitude de uma independência exagerada em relação à Hierarquia e de não-participação e entrosamento com as pastorais aprovadas.

OBSERVAÇÕES FINAIS

De tudo isso, ressalta o seguinte: a semelhança que alguns dizem existir entre os carismáticos católicos e algumas seitas protestantes é meramente superficial. A distinção entre uma e outra é profunda, é dogmática, é essencial, pois os carismáticos católicos se apóiam em dogmas revelados por Cristo, como a obediência ao Papa, que é infalível em questões de fé e moral; têm devoção profunda e terna à Virgem Maria Santíssima; aceitam e freqüentam os sacramentos instituídos por Jesus, principalmente a Eucaristia, em que adoram a presença real de Jesus; e vêem, na missa, o sacrifício do calvário não somente como recordação mas como renovação real.

Se a maneira de expressar essa fé se reveste de formas um pouco explosivas, isso não quer dizer que seja uma cópia das maneiras protestantes. Ao contrário, é uma resposta

à necessidade popular de sentimentos e emoções dirigidas para Deus. E isso é um degrau da ascensão para Deus. Já dissemos acima que não se deve parar neste degrau da escada, mas também não se deve reprovar um apoio poderoso para um povo tão maltratado pelas injustiças sociais, pelo desemprego, pelas doenças, pela criminalidade, pela opressão, pela miséria, pela exclusão, pela marginalização, pela solidão. Este povo se dá bem e se apóia em manifestações festivas direcionadas para Deus, para Cristo e sua mãe Maria.

Devemos é educar este “povão” carismático a caminhar na ascensão para Deus. Ajudá-lo a caminhar da Via Purgativa para a Iluminativa e chegar, guiado para Deus e por Deus, até a Via Unitiva.

Este caminhar é o diferencial mais profundo entre o verdadeiro e o falso na questão dos carismáticos. Quem, com humildade e despego, caminha sempre, e não pára em degraus, quem possui a direção para cima, para o alto, para sempre mais perto de Deus e de seu carisma, a caridade silenciosa, ativa, humilde e desapegada, este é o verdadeiro cristão carismático!

Não se deve parar em expressões massificantes, psicologicamente agradáveis, achando que este estado de êxtase seja o máximo, e esquecer que as expressões de São Pedro, diante de Jesus transfigurado no Tabor, conversando com Moisés e Elias – “Senhor, como é bom [como é gostoso, como é entusiasmante] estar aqui [desfrutando destas emoções tão divinas], façamos três tendas [quer dizer: permaneçamos nesta situação psicológica tão gratificante]” – tiveram a resposta de uma nuvem luminosa em cima mas causando sombra embaixo. A fé nos faz escutar: “Este é meu filho muito amado, escutai-o, e eles viram então somente Jesus”, isto é, o Homem a quem devemos seguir na fé, praticando sua humildade e mansidão. É a fé simples, pura, e quanto mais escura mais pura, é o seguimento de Jesus, pobre e humilde, que constitui o máximo de encontro com Deus, o máximo de carisma cristão.

Perseverar no seguimento de Jesus, em sua doação ao próximo e a Deus, é que constitui realmente o grande *carisma católico*.